

RESENHA

AMAZÔNIA...

A IRA DOS PODEROSOS*

EVANDRO CARLOS NEVES**

SMITH, Ricardo. *Amazônia... A ira dos poderosos*. Gurupi: Veloso, 2016. 170p.

Ricardo Smith compartilha conosco sua provocação pelos fatos que o rodearam e pelos preceitos da época em que viveu no município de Marabá (PA) por aproximados 25 anos de sua vida, proporcionando-lhe experiências que o levaram à produção do presente livro. Compreendidas nos anos 1980, as vivências de Ricardo Smith esclarecem o momento pelo qual não apenas Marabá, como também o Sudeste do Pará passara naquele contexto. A memória do tempo em que lá viveu permitiu ao autor elaborar narrativas sobre tempos anteriores, mas que ainda se refletiam no contexto de sua experiência em Marabá, como é o caso da abertura de estradas no contexto da Ditadura Militar e da Guerrilha do Araguaia. O livro é fruto do processo de criação intuitiva e do trajeto antropológico do autor, o mesmo que o leitor é convidado a conhecer.

Engenheiro de formação, mas também notabilizado por sua aproximação com as Artes Literárias, o autor destaca uma época da bala, do medo, da morte, da impunidade e da injustiça pela qual passara Marabá nos anos 1980. A cronologia histórica de mudança pela qual passou o município é apresentada por meio de 19 narrativas, onde apresentam-se realidades através da ficção. É nessa mistura que está o conteúdo do livro, porque foi através de fatos reais que o autor criou os personagens e os cenários fictícios. São três os principais cenários em que se passam as narrativas: a Floresta, o Boteco de Teônio e a Estrada.

Sendo o primeiro momento histórico tratado pelo autor, a acelerada investida dos colonizadores da época da Economia da Castanha se refletiu no enfrentamento entre os brancos e os índios na Floresta e causou profundas mudanças vividas pelos personagens do livro. A bala do tiro de quem estava a mando dos proprietários de terra atravessava não apenas o

* Recebido em: 02.05.2017. Aprovado em: 10.09.2017.

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas na Universidade Federal do Pará. Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Pará. E-mail: evandronevez@live.com

espaço entre ele e sua vítima, mas também a distância das territorialidades históricas distintas entre os mundos que os separavam: os primeiros no tempo do capital mercantil, os segundos no tempo do modo de viver regional, fossem os índios, fossem os migrantes em busca de terra. O livro é um belo convite a uma viagem no tempo da fronteira demográfica, da frente de expansão, isto é, das correntes de povoamento que assolaram Marabá naquele contexto. Pessoas que vinham do Maranhão, de Goiás e outros Estados são muito bem representadas pela criatividade de Ricardo Smith. O drama do contexto se reflete na característica dos personagens, como seu Marçal, cabreiro, talvez personagem protagonista, o qual afirma que “os ‘pirigos’ de andar na mata eram muitos” depois da chegada de pessoas novas na região.

A análise das relações sociais construídas na extração da castanha explica a real situação pela qual passavam os trabalhadores que na mata se embrenhavam para assegurar sua reprodução social e de sua família. Em determinados momentos a abordagem de Smith preza pelo ângulo do sofrimento pelo qual passaram esses trabalhadores, de sua subjugação ao sistema mercantil de produção, das doenças e das dívidas que se apresentavam como algo de um novo contexto regional. Em outros, a abordagem prioriza a esperança e a amizade dos personagens num contexto adverso.

O Boteco de Teônio é o ponto de encontro dos personagens que viveram na região e que possivelmente estiveram próximos ao autor durante sua experiência em Marabá. É também o cenário que reflete a amizade entre os personagens. Durante os goles de *pinga* quase que diários as novidades são colocadas uns aos outros. Se Seu Teônio, Marçal ou Quixabeira se comportam de maneira diferente uns dos outros é como cair na própria armadilha. Se Marçal e Quixabeira ficam muito calados ou muito tempo sem comparecer ao Boteco de Teônio, há um problema ou algo a ser resolvido, o que é cobrado por Teônio, dono do Boteco, em forma de explicação. A amizade que os une permite isso. Reciprocamente, o comportamento estranho de Teônio também chama a atenção de seus dois amigos, cobradores e atentos quanto às explicações e às angústias compartilhadas com a mudança que vivenciavam em Marabá. Tudo que se passava na floresta, na Estrada e na própria cidade era ali, no Boteco, informado e conversado. Verdadeiras aulas de história a partir de quem vivera tudo.

As principais mudanças são relatadas por Seu Marçal, que trabalhou por muito tempo como tropeiro na floresta, até as mudanças o obrigarem a mudar de atividade profissional. Sempre que algo de estranho acontecia na mata ele informava seus amigos no Boteco de Teônio. No livro, várias vezes são retratados os encontros que Seu Marçal tivera com os *paulistas* e com as tropas militares dentro da mata, realidade que surpreendia esse homem acostumado a não encontrar na floresta nada além dos índios. Os tempos mudavam. Os atores também.

A Estrada é representada pela BR-230, Rodovia Transamazônica, concebida pelo autor como rodovia do pesadelo. A descrição do autor apresenta claramente os fatores históricos e geográficos que levaram o Governo Médici à construção da rodovia. Na análise descritiva do autor, a Transamazônica poderia ser uma construção que melhorasse a vida de várias pessoas, mas o que se viu foram agrovilas que se transformam em cidades diante da inoperância do Estado em não dar conta de uma obra de extrema complexidade, porque não envolvia apenas fatores econômicos, mas também sociais. A construção da rodovia foi uma boa oportunidade para a abertura de mão de obra, tudo muito bem noticiado no Boteco de Teônio. Sobre isso, as conversas no Boteco não envolviam apenas os fatores de melhores condições de vida para as pessoas que se beneficiaram com ela através do trabalho, mas também

girava em torno do caminho que se abriu para a exploração mais intensa da floresta, para a exploração de madeira, dando espaço para os exploradores de todo o tipo e sem consciência. Demonstrava, assim, uma preocupação com fatores ambientais.

Convicto de tudo que viveu em Marabá, Ricardo Smith ainda descreve a escravidão por dívida em que eram e ainda hoje são submetidos os trabalhadores aos latifundiários, o fogo na floresta, a briga entre fazendeiros e posseiros. Tudo isso significa uma profunda tristeza na vida dos personagens que assistem as mudanças sem nada poder fazer. Nas entrelinhas o autor deixa claro que tudo isso é resultado das políticas de incentivos fiscais que o Governo concedeu aos grandes proprietários de terras e empreendedores econômicos.

Com o enfraquecimento da garimpagem artesanal em Serra Pelada vários garimpeiros se uniram aos posseiros que marchavam em busca da conquista de terra. Ocupavam latifúndios que julgavam bons de acordo com suas necessidades. Vários foram os confrontos com grandes proprietários, que vários crimes cometeram contra os homens que buscavam justiça e igualdade. Tudo é comentado com profunda revolta e comoção no Boteco de Teônio. O apoio da Comissão Pastoral da Terra e de outras entidades de representação dessas lutas, como o próprio sindicalismo rural, são bem descritos pelo autor e de valiosa contribuição à luta dos posseiros naquele contexto nada favorável a quem buscava terra para viver.

A descrição é de um cenário de conflito, de desigualdades, de diferenças, da alteridade, da angústia, da mudança. Tudo se reflete no semblante e nas características dos personagens. Mas também é um cenário de esperança, de amizades. Seu Teônio sempre muito atento com a chegada de alguém novo em seu boteco, logo tratava de avisar à “rapazeada” do novo morador da cidade, pedindo cautela aos seus amigos, pois nunca se sabe de onde vinham e o que queriam os novos moradores na região. Seu Quixabeira, sempre muito atento a tudo que era dito ao seu redor, formador de opiniões interessantíssimas e respeitador da opinião alheia, sempre aconselhava e consolava seus amigos diante de tantas crueldades. Seu Marçal, pressionado várias vezes na floresta por homens a mando de latifundiários por ser profundo conhecedor daquelas áreas, tinha medo até de formar uma opinião sobre algo que visse fora do comum. O medo assola os personagens, assim como a violência se espalha pela cidade, pelas matas e pela Estrada na cronologia organizada pelo autor.

Para Seu Marçal o futuro se anuncia promissor, pois nada poderia ser pior do que ele vivera nos últimos anos. Se pudesse, gostaria que tudo que viveu fosse diferente. No entanto, tudo lhe serviu de lição para dar continuidade em sua vida. É evidente o arrependimento nesse homem honesto e trabalhador, como se tudo lhe caísse como culpa, porque assistia tudo sem poder fazer nada. Temente a Deus e de valores morais bem transparentes, cada vez que sabia de um novo acontecimento que envolvia mortes se sentia impotente diante de tanta arbitrariedade. A(s) história(s) e o(s) contexto(s) que compõem as páginas do livro deixam nas entrelinhas que o que poderia ser um momento de descoberta do diferente foi um momento de destruição e morte.

O livro é recomendado para leitores interessados em desvendar a história de uma das mesorregiões mais emblemáticas da Amazônia Oriental: o Sudeste paraense. Smith se preocupou em contar a história não contada nos livros de história a partir dos sujeitos que viviam em Marabá. Portanto, ler este livro não é apenas um ato para quem busca conhecimento sobre a história da Amazônia, mas de fortalecimento da capacidade de perceber a história contada por aqueles que muitas vezes têm poucas vozes na produção acadêmica.